

## **BRASIL, AME-O OU DEIXE-O (LEVAR A TAÇA): a relação entre a ditadura militar e a conquista da Copa de 1970 sob a ótica do documentário; Memórias de Chumbo**

Vinicius Gabriel Lorenzzi<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda sobre a conquista do tricampeonato da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970, e como a Ditadura Civil-Militar, governada pelo General Médici usou esse campeonato para modificar a opinião do público sobre o regime e camuflar todo o terror dos Anos de Chumbo. Será analisada a situação desportiva da seleção brasileira no recorte contextualizado dos primeiros anos de Ditadura, levando em foco os anos setenta e sua relação com o futebol em geral. Todas informações sobre esse momento da História do Brasil serão analisadas pela ótica central do documentário: Memórias de Chumbo: o Futebol nos Tempos de Condor, porém estarão presentes as concepções de historiadores/as como Carlos Fico, Lilia M. Schwartz, Heloisa M. Starling, Luiz Carlos Delorme Prado e entre outros/as que fundamentam o debate.

**Palavras-chaves:** Futebol, Regime Militar e Seleção Brasileira.

**Abstract:** This article delves into the Brazilian national team's achievement of securing a third consecutive championship in the 1970 FIFA World Cup. It examines how the Civil-Military Dictatorship, under the leadership of General Médici, exploited this championship to reshape public opinion about the military regime and conceal the horrors of the "Years of Lead." The analysis covers all periods and administrations of the dictatorship until its conclusion during the process of redemocratization, with a specific focus on the seventies and their relationship with football at large. All information regarding this moment in Brazilian history will be approached through the central lens of the documentary "Memórias de Chumbo: o Futebol nos Tempos de Condor." Additionally, citations from historians such as Carlos Fico, Lilia M. Schwartz, Heloisa M. Starling, Luiz Carlos Delorme Prado, and others will be included.

**Keywords:** Football, Military Regime, Brazilian National Team.

### **Introdução**

O documentário "Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos de Condor" apresenta-se como um registro eloquente dos tumultuados anos da Ditadura Militar brasileira, revelando o futebol como uma narrativa singular na tessitura dos acontecimentos políticos e sociais desse período. Em um Brasil onde o esporte transcende

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina.

a mera competição e se converte em um reflexo da identidade nacional, a interseção entre a ditadura e o futebol emerge como um campo complexo e multifacetado.

Ao longo das décadas de regime militar, o futebol foi imerso em uma trama de simbolismos, rivalidades e resistências. Este artigo propõe-se a explorar, a partir da análise crítica do documentário "Memórias do Chumbo", como o esporte mais popular do país tornou-se não apenas um palco para a glória esportiva, mas um espelho de tensões políticas e sociais. As narrativas presentes no documentário oferecem uma janela única para compreender como o regime militar se infiltrou nos estádios e nos bastidores do futebol brasileiro, moldando tanto a atmosfera dos jogos quanto às trajetórias individuais de jogadores e torcedores.

Aprofundando nossa investigação, buscaremos compreender como o futebol serviu como um terreno de resistência e contestação, bem como uma plataforma para a disseminação de ideais nacionalistas alinhados aos interesses governamentais. Nesse contexto, as memórias encapsuladas no documentário revelam-se como peças cruciais do quebra-cabeça histórico, ilustrando a dinâmica intrincada entre a paixão pelo futebol e a repressão política.

Ao abordar a relação entre a Ditadura Militar brasileira e o futebol a partir do prisma do documentário "Memórias do Chumbo", este artigo almeja contribuir para uma compreensão mais profunda da interação entre esporte e política, evidenciando como o campo de jogo se transforma em um espelho da sociedade, refletindo suas lutas e conquistas, suas dores e esperanças.

Este presente artigo tem como objetivo contextualizar o que teria sido a Ditadura Militar brasileira, e quais seus interesses na seleção brasileira de futebol, para isso foi criada a estrutura que irá analisar primeiramente as nuances do regime, e a partir disso iremos pelo seu envolvimento na Copa de 1970 pela ótica do documentário: Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor.

"Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor" é uma série documental dirigida pelo jornalista e cineasta brasileiro Lúcio de Castro. A série foi exibida pelo canal ESPN Brasil e aborda a relação entre o futebol e as ditaduras militares na América do Sul durante as décadas de 1970 e 1980, com foco na Operação Condor, uma aliança entre os regimes militares do Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai para reprimir dissidentes políticos.

A série documental tem como objetivo explorar como o futebol foi usado como ferramenta política e de propaganda pelos regimes militares na América do Sul. Ela busca

revelar as histórias ocultas e os casos de repressão, tortura e desaparecimentos que envolveram atletas, dirigentes e torcedores durante esse período sombrio da história sul-americana. Além disso, a série procura destacar a resistência e a luta de muitos envolvidos com o futebol contra os abusos das ditaduras.

Através de entrevistas com ex-jogadores, jornalistas, historiadores e familiares de vítimas, além de imagens de arquivo, "Memórias do Chumbo" oferece um olhar profundo e crítico sobre o impacto das ditaduras no esporte e na sociedade.

## **Contextualização**

A Ditadura Militar brasileira, que se estendeu de 1964 a 1985, constitui um capítulo complexo e controverso na história do país. Emergindo em meio a um contexto internacional marcado pela Guerra Fria e a ascensão de movimentos anticomunistas, o golpe militar de 1964 teve implicações profundas na sociedade brasileira, moldando décadas de desenvolvimentos políticos, sociais e econômicos. Esta contextualização histórica busca lançar luz sobre os eventos que culminaram no estabelecimento do regime militar, explorando suas raízes, motivações e as consequências duradouras que reverberam na contemporaneidade.

Em segundo lugar - e, talvez, mais importante -, o plano determinava que os Estados Unidos deveriam intervir militarmente no Brasil caso houvesse confrontos e apoio de algum país comunista (URSS ou Cuba). O plano foi a base para a realização da chamada Operação Brother Sam, força-tarefa naval composta por um porta-aviões, um porta-helicópteros, seis contratorpedeiros (dois equipados com mísseis teleguiados), além de cem toneladas de armas e quatro navios-petroleiros - pois previa-se que, com o apoio dos trabalhadores do setor, poderia faltar combustível. A Operação Brother Sam foi enviada ao Brasil no dia do golpe de 1964, mas foi desativada em função do rápido sucesso dos golpistas. (Fico, 2001, p. 52)

O contexto político que antecedeu o golpe de 1964 é fundamental para compreender as dinâmicas que conduziram à instauração da Ditadura Militar no Brasil. O governo de João Goulart, que assumiu a presidência em 1961 após a renúncia de Jânio Quadros, encontrava-se em um cenário de polarização ideológica crescente. Goulart, identificado como um líder de orientação mais à esquerda, enfrentou forte oposição de setores conservadores e das Forças Armadas, alimentando um clima de instabilidade

política.

A Guerra Fria, que polarizou o mundo entre os blocos capitalista e socialista, exerceu uma influência significativa nas percepções políticas do Brasil da época. O temor do avanço do comunismo na América Latina, alimentado pela Revolução Cubana de 1959, estimulou setores militares e civis a se mobilizarem contra qualquer sinal de simpatia pela esquerda. Nesse contexto, a propagação do discurso anticomunista tornou-se uma ferramenta-chave para justificar a intervenção militar.

O golpe militar que ocorreu em 31 de março de 1964 foi resultado de uma articulação complexa de setores militares, empresariais e políticos insatisfeitos com o governo de Goulart. Alegando a necessidade de preservar a ordem e proteger o país do comunismo, os militares assumiram o controle do governo, destituindo Goulart. Inicialmente apresentado como um movimento temporário, o novo regime logo revelou sua intenção de estabelecer uma ditadura de longa duração.

Ao longo dos anos que se seguiram, o regime militar consolidou seu poder, instaurando uma série de atos institucionais que restringiam direitos políticos, censuravam a imprensa e perseguiram opositores/as. O Ato Institucional nº 5 (AI-5), de 1968, representou o ápice desse processo, conferindo amplos poderes ao governo para reprimir dissidências e consolidar o controle sobre a sociedade. Conforme destaca o historiador Carlos Fico, “O AI-5 tornou o regime uma indiscutível ditadura, reabriu a temporada de punições e serviu de base para a montagem dos aparatos que constituíram a repressão política” (Fico, 2001, p. 67).

A Ditadura Militar não foi aceita passivamente pela sociedade brasileira. Movimentos estudantis, sindicais e intelectuais organizaram-se para resistir à repressão e lutar pela restauração da democracia. A década que precedeu os anos 70 foi marcada por uma crescente efervescência social, com protestos e mobilizações ganhando força. No entanto, a resposta do regime foi implacável, utilizando métodos de tortura, censura e perseguição para silenciar a oposição.

A série de manifestações contra a ditadura ocorrida em 1968 entre os meses de março (quando se deu a morte de Edson Luís) e outubro (quando outro estudante secundarista, José Carlos Guimarães, foi morto em São Paulo) foi usada pela linha dura como pretexto para exigir a reabertura da temporada de punições. (Fico, 2001, p. 65)

A contextualização histórica da Ditadura Militar no Brasil destaca não apenas os

aspectos políticos, mas também as implicações sociais e culturais desse período. O impacto do regime estendeu-se para além das esferas políticas, moldando as instituições e deixando cicatrizes que reverberam na sociedade brasileira até os dias de hoje. O processo de redemocratização, iniciado na década de 1980, representou um momento crucial na história brasileira, trazendo consigo desafios e oportunidades para a construção de uma nova narrativa nacional.

### **A Copa de 1970 e o envolvimento do Governo Médici: Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor**

De acordo com o historiador André Fonseca Feitosa em seu artigo *O filme documentário e suas relações com a história* (2013) o gênero documentário sempre gerou uma divisão consensual entre os/as pesquisadores/as que trabalham com a história do cinema. Uma vez que não existe uma certa definição para esse gênero, isso fez com que o autor o definisse o documentário de “conceito vago”. Já que nem todo filme que se classifica como documentário se assemelha e há várias distinções entre um documentário e outro. Ainda que a definição do que é um documentário seja feita pelos próprios produtores, essa definição funciona como um primeiro sinal de que determinada obra pode ser considerada um documentário” (Fonseca, 2013, p. 198). Além desse primeiro sinal, o autor define que:

Para pertencer ao gênero documentário é necessário compartilhar características comuns aos filmes que levam essa denominação. Existem normas e convenções que entram em ação e, que auxiliam na sua caracterização tais como: o uso de comentário com voz de Deus, as entrevistas, a gravação de som direto, os cortes para introduzir imagens que ilustrem ou compliquem a situação mostrada em uma cena e o uso de atores, ou de pessoas em suas atividades e papéis cotidianos, como personagens principais do filme. Todas estão entre as normas e convenções comuns a muitos documentários (Fonseca, 2013, p. 199).

Essas definições postas sobre o gênero documentário vem sendo muito utilizadas nas últimas décadas na produção de documentários históricos que tem como finalidade a “reconstrução do passado”, como aqueles que muitas vezes assistimos no Discovery e History Channel. Bill Nichols, em Introdução ao documentário, destaca que “A tradição

do documentário está profundamente enraizada na capacidade de nos transmitir uma impressão de autenticidade. E essa é uma impressão forte” (Nichols, 2005, p. 18).

Por mais que esses documentários tenham a impressão de autenticidade, veracidade do fato, devemos entender que este se trata de um produto da indústria cultural, uma vez que ele foi fabricado e construído para um determinado público consumidor, assim:

Os cineastas são frequentemente atraídos pelos modos de representação do documentário quando querem nos envolver em questões diretamente relacionadas com o mundo histórico que todos compartilhamos. Alguns enfatizam a originalidade ou a característica distintiva de sua própria maneira de ver o mundo: vemos o mundo que compartilhamos como se filtrado por uma percepção individual dele. Alguns enfatizam a autenticidade ou a fidelidade de sua representação do mundo: vemos o mundo que compartilhamos com uma clareza e uma transparência que minimizam a importância do estilo ou da percepção do cineasta (Nichols, 2005, p. 19).

Essa forma de perceber os documentários têm atraído atenção dos historiadores, na busca de entender porque os documentários estabelecem esse desejo de saber, e acabam por se tornar uma “verdadeira aula de História” aos olhos do espectador. O fato que devemos ter bem claro é que História, não é passado e este por sua vez não é memória, embora o historiador caminhe pela mesma via para a construção historiográfica, o maior desafio dos historiadores tem sido de entender porque entendemos os fatos como reais, quando contados em um livro de História. Dessa forma Vasconcelos faz a seguinte indagação:

Por que percebemos como “reais” fatos contados em um documentário onde certo grupo narra suas histórias? Ao fato de que é exatamente no espaço entre o real e a ficção, que se torna possível o diálogo entre a historiografia e o documentário, o que a torna mais intrigante (Fonseca, 2013, p. 202).

O documentário "Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos de Condor" apresenta-se como um registro dos tumultuados anos da Ditadura Militar brasileira, revelando o futebol como uma narrativa única na tessitura dos acontecimentos políticos e sociais desse período. Assim, em busca de perceber as relações postas na construção do documentário, a partir de então será feita uma análise sobre a memória da ditadura militar com o futebol, a partir do documentário mencionado.

Inicialmente precisamos destacar o propósito e motivação do documentário: Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos de Condor. São quatro episódios investigativos, tendo seu foco em regimes ditatoriais na América do Sul e as relações

construídas com o futebol no período. Os países envolvidos foram; Brasil, Argentina, Uruguai e Chile, justamente, pois esses países estavam sob o controle governamental das forças armadas no mesmo período dos anos 70, e cooperavam entre si naquilo que foi conhecido como operação Condor.

Porém, historicamente temos alguns impasses em analisar um documentário. Como material cinematográfico que retém a própria linguagem específica, cabe ao historiador responsável separar o “real” da narrativa. Entendendo que o documentário é um objeto de entretenimento e em casos possui uma visão parcial da memória histórica, o documentário analisado não foge dessa linha de pensar. Memórias do Chumbo, escancara uma crítica aos regimes militares latino-americanos, pois mesmo quando é aberto o espaço à voz de figuras que participaram da estrutura dessas ditaduras é notório o viés anti-militar que as falas ou a edição expõem. Os episódios buscam atentar o telespectador dos crimes e como era o *modus operandi* maquiavélico da censura e da tortura.

O documentário também busca atrelar essa memória com o futebol e o "Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor" é uma série documental dirigida pelo jornalista e cineasta brasileiro Lúcio de Castro. A série foi exibida pelo canal ESPN Brasil e aborda a relação entre o futebol e as ditaduras militares na América do Sul durante as décadas de 1970 e 1980, com foco na Operação Condor, uma aliança entre os regimes militares do Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai para reprimir dissidentes políticos.

Histórico que analisaremos será do episódio brasileiro, exclusivamente sobre o governo Médici e a atuação da seleção na Copa do Mundo de 1970 em território mexicano, porém antes, necessariamente. Temos que expor as mentes por trás dessa obra. O roteiro, reportagem e produção foi de responsabilidade do jornalista Lúcio de Castro, a parte técnica de fotografia e imagem com Luís Ribeiro e Rosemberg Farias, edição com Fábio Calamari e Alê Vallim, a narração na voz de Luís Alberto Volpe e a identidade artística com Stela Spironelli.

Em 2016, Lúcio de Castro conta em uma entrevista dada para o *Programa do Jô* que o documentário tinha comenta quais seriam os objetivos propostos pelo documentário: expor o que não estava exposto e fazer memória. Na mesma entrevista o mesmo ressalta:

Eu acho que passei a vida inteira escutando que ‘as ditaduras usaram o futebol’

ou ‘o futebol foi utilizado pelas ditaduras’ e esse virou um chavão que não saia disso e nunca foi além. E aquilo me incomodava muito, e eu falei ‘mas foi utilizado como?’, ‘o que aconteceu?’, ‘como foi exatamente essa utilização?’, e tinha um monte de lacunas e a gente tem que preencher essas lacunas e responder isso de como essas ditaduras usaram o futebol. São quarenta anos já dessa pergunta, e a gente nunca conseguia sair daquilo. E tinha essa função (o documentário) de preencher essa lacuna... (Castro, 2016).

Com todo o caos político e social que o Brasil passava, o cidadão comum viu no futebol uma forte ligação de identidade, portanto no período do regime militar a população já tinha a seleção como a paixão da nação, muito disso pelo fato dos títulos consecutivos de 1958<sup>2</sup> e 1962<sup>3</sup>. Logo o Brasil chega ao México com grande parte da mídia apontando o favoritismo da seleção canarinho sobre as outras do mundo na competição. E essa cobertura aumenta o interesse do regime ditatorial na busca do tricampeonato, pois seria a primeira Copa do Mundo transmitida pela rede de televisão ao vivo e a cores no território brasileiro.

Porém o impulso da ditadura militar em vincular sua imagem com a seleção brasileira começa ainda na primeira Copa do Mundo do regime em 1966, na Inglaterra. O então ditador Castelo Branco, organizou uma grande excursão com os jogadores da seleção em cidades estratégicas, revezando entre o interior e as capitais do eixo sudeste para apresentar à população a nova cara da seleção na ótica da ditadura.

Outra medida visando o controle dos meios de propaganda foi a apropriação dos símbolos nacionais e de acordo com o historiador Carlos Eduardo Sarmiento (2012), o regime toma a identidade visual que antes representava o imaginário da república como o hino, a bandeira, suas cores (verde e amarelo) e até o sentimento de patriotismo passa a ser marca e posse da ditadura. Porém, quando chega o momento da Copa do Mundo, o Brasil teve frustrante atuação em campo e mesmo com nomes como Pelé e Garrincha, não foi o suficiente para amenizar o vexame histórico. Os críticos analisam que o responsável pelo desastroso campeonato da seleção foi o planejamento e a preparação caótica imposta pelos militares.

Então, na preparação de 66. Você teve um modelo que é amplamente criticado, em que você convocou quatro selecionados. Você teve quatro times: verde, amarelo, azul e branco. Ao mesmo tempo, esses jogadores ficaram no mínimo três meses em preparação no Brasil. E cada uma dessas equipes tinha um

---

<sup>2</sup> O primeiro título da Seleção Brasileira em Copa do Mundo, o campeonato foi organizado e disputado na Suécia.

<sup>3</sup> O Segundo título da Seleção Brasileira em Copa do Mundo, o campeonato foi organizado disputado no Chile.

itinerário pré-definido entre o governo e a CBD, percorrendo uma série de cidades que eram consideradas cidades estratégicas. Tanto capital quanto cidades importantes do interior, principalmente Rio e São Paulo e Minas. (Sarmiento, Memórias de Chumbo: Anos de Condor, 2012, Castro, Minuto: 8:03)

Antes de começar a temática principal da Copa do Esquadrão temos que comentar sobre as federações administrativas que regiam os clubes regionais e de liga nacional. O domínio da censura e repressão estava presente até na alta cúpula dessas organizações, pois era de interesse do regime ter amigos entre essas lideranças para justamente ter a sensação de controle, todavia isso deu pretexto para problemas como corrupção e nepotismo. Compreendendo o contexto de censura, ninguém no ramo esportivo foi mais vigiado que o técnico da seleção brasileira, João Alves Saldanha, que era assumido opositor do regime e declaradamente favorável às ideias marxistas. Era de conhecimento dos militares que Saldanha, usava o cargo na seleção para ações de espionagem em viagens ao exterior com a seleção, o técnico vazava documentos que comprovaram a existência da tortura e repressão no território brasileiro, podemos entender melhor no trecho da entrevista de seu filho João Viollet Saldanha:

E meu pai chegou e falou: ô Joãozinho, vamos ali, vem aqui com o papai e não sei o que. E as pessoas ficaram nesse apartamento e eu atravessei a rua com o papai e o papai chega... anda... a gente anda assim uns cem metros e ele fala: tá vendo aquele moço ali? entrega isso aqui para ele. Era um pacote! Eu não sei te dizer o que havia no pacote, não sei mesmo. Eu fui, eu sei que olhava pro papai, para trás e olhava para o moço também, estava ficando mais perto do moço e o papai ali quieto esperando a ação se consumir. Eu sei que cheguei próximo desse moço, um negro que não tinha dois dedos na mão e entreguei aquele pacote e ele em português me disse: muito obrigado! Foi muito gentil! Foi para um caminho e eu voltei e não se falou mais nesse assunto. Ele nunca me disse o que havia dentro, se era dinheiro, se era documentos (SALDANHA, Memórias de Chumbo: Anos de Condor, 2012, CASTRO, Minuto: 12:50).

Pelo envolvimento de Saldanha com o Partido Comunista era fundamental para o regime cercear essa voz e impedir os espaços que ser técnico da seleção brasileira abria como entrevistas em rádios e jornais, por exemplo. Portanto, a ditadura começa a pressionar a demissão do técnico à CBD, porém o apoio popular e pelo fato da CBD ser uma instituição privada dificultava isso. Eis que entra o papel da mídia em desgastar a imagem de João Saldanha, visando exatamente o desligamento dele com a seleção. E o resultado foi que em 17 de Março de 1970, Saldanha é finalmente demitido do cargo e Zagallo assume em seguida.

Depois da saída de Saldanha, a seleção não passa somente a ter um técnico novo, ela passa por todo um processo de reformulação institucional na área da comissão técnica que já possuía militares antes, porém agora esse número aumenta.

É uma característica do regime militar que está construindo uma esfera de uma certa tecnocracia e uma esfera da segurança nacional, a ordem e o progresso são instituídos por uma tecnocracia que representa o progresso, né? Se o movimento econômico, mas com uma gestão tecnocrática e a ordem é segurança nacional! Doutrina de segurança. E na Seleção Brasileira convive esses dois pólos, ou seja, um planejamento meticuloso, mas que não pode abrir mão de mecanismos de fiscalização; controle e repressão. Então acho que está presente ali essa bipolaridade que vai ser característica do regime militar. Então dentro da comissão técnica de setenta você tem esses dois pólos muito bem caracterizados (Sarmiento, Memórias de Chumbo: Anos de Condor, 2012, Castro, Minuto:16:54).

E com toda essa mudança os militares impõem à CDB, o Brigadeiro Geronimo Bastos na chefia da delegação, este por sua vez nomeia para chefe da segurança o Major Roberto Câmara Lima Ypiranga ou dos Guarany's, conhecido hoje como um dos nomes presentes nas listas de tortura. É citado no documentário que provavelmente seria a relação do Major Camerã com a tortura o triunfo de João Saldanha que comentou o seguinte em uma das crônicas do Jornal do Brasil, após sua saída do departamento técnico. “Vou escrever uma matéria sobre a presença exigida e por mim repelida, de policiais espancadores na concentração, foram barrados por mim, mas depois eu fui barrado por eles, afinal eles estavam no poder, e que poder” (Saldanha. Entrevista ao jornal "Pasquim", 1970).

Foi Roberto Câmara dos Guarany's, o homem de confiança do regime no ambiente esportivo da seleção, pois participava da tênue linha dura, ou seja, acreditava que para conter o inimigo interno quaisquer métodos eram necessários. Portanto, a grande estratégia de combate aos inimigos da ditadura era a infiltração de inteligências em setores específicos da sociedade brasileira, inclusive os militares glorificavam que a razão das vitórias sobre as subversões tenha se dado justamente por essa estratégia tomada.

Um fato que circula junto ao nome do major é o caso da explosão do gásômetro do Rio de Janeiro, como é exposto no documentário, o então cadete Câmara Lima Ypiranga, estaria envolvido no que consistia em uma tentativa de atentado terrorista para culpar a resistência. O plano de explodir o gásômetro seria de autoria do Brigadeiro João Paulo Burnier, que idealizou também uma série de outros atos para a mesma finalidade. E de acordo com Eduardo Guarany's; “no dia do atentado houve desentendimento entre os oficiais, pois enquanto Guarany's resolveu cumprir a ordem, outro militar se recusou,

e a explosão não aconteceu” (GUARANYNS, 2012) Memórias de Chumbo: Futebol nos anos de Condor. CASTRO. O homem que recusou a ordem oficial foi o capitão Sérgio Miranda, que logo após o acontecido foi reformulado de patente após o AI-5.

A função do major na seleção foi de controlar as informações do time, pois pelo trauma de ter outro Saldanha na equipe, o regime optou por evitar qualquer desvio de atenção naquele cenário a não ser a de beneficiar a imagem da ditadura militar ao público. Guaranyns, foi descrito como perfeito para aquele cargo e missão, pois a discrição e sutileza dos seus atos passaram despercebidos até a partir do presente documentário quando seu nome começou a ter notoriedade naquele contexto:

[...] foi para controlar e ser o mensageiro daquela Ditadura e naquele momento da História do Brasil. A imagem ou então a figura era para proteger a seleção de fora para dentro, mas sem dúvida a proteção era de dentro para fora, com certeza essa era a função dele (GUARANYNS, Memórias de Chumbo: Anos de Condor, 2012, CASTRO, Minuto:21:09).

Dentro de campo, a seleção brasileira era espetacular, mas a situação mudava fora das quatro linhas. Toda questão de assegurar a privacidade do clima da equipe e comissão, criou uma certa burocracia em relação à cobertura do Brasil na Copa. Eram necessárias duas credenciais de acesso para assegurar o monitoramento jornalístico dos jogadores, sendo assim; uma para a cobertura da Copa do Mundo como evento geral e outra para acompanhar a seleção fora da concentração, como a hospedagem, por exemplo.

Essa segunda credencial era fornecida pela segurança da seleção e a intenção do departamento era barrar os jornalistas que poderiam criar alguma crise naquele ambiente. Exemplo de João Saldanha, que tinha sido contratado pela emissora britânica BBC para escrever artigos sobre o Brasil na copa, e a ele foi negada essa segunda credencial. Outra importante figura que teve o acesso ao acompanhamento no México negado foi o radialista Geraldo Bretas, com a justificativa da delegação de que o intuito de Bretas na Copa seria de fazer tumultos.

Enquanto aconteciam essas situações nos bastidores da Copa do Mundo, o Brasil colecionava vitórias, e afastava assim o medo que foi construído na Copa passada. Com um futebol que encantava os apaixonados pelo esporte, a seleção ganhou o título contra a Itália por 4 a 1 e o interessante desse placar é o simbolismo usado pela Ditadura como propaganda.

**Figura 01:** Capa do Jornal do Brasil do Rio de Janeiro logo após a vitória da Copa de 70:



Fonte: Nossa Cara.com <sup>4</sup>

No dia da grande final Médici estampou as manchetes dos jornais pelo fato de seu palpite ser o mesmo jogo. A partir disso houve a recepção popular de que o ditador não apenas fosse apenas um entusiasta do esporte, mas sim um analista sério de futebol. Outro fator a analisar foi a recepção aos campeões que ocorreu em ser pensada no benefício da imagem do regime militar. Então consequentemente, o planalto central sucedeu como lugar sede para apresentar ao público a taça de campeão do mundo. A ideia era após o capitão da seleção Carlos Alberto erguer a taça, o próximo a fazer o mesmo gesto seria o ditador do Brasil. Importante ressaltar que de todos os ditadores do período da ditadura militar, Emílio Garrastazu Médici, foi o mais popular entre eles, pois o Brasil ia bem economicamente, e com a política de créditos a população adorava o general:

[...] para a memória das pessoas comuns que estavam vivendo o milagre econômico, com crédito para comprar; geladeiras, fogões e carros, o governo

<sup>4</sup> Disponível em: <https://nossacara.com/noticias/geral/5932/circula-hoje-a-ultima-edicao-impressa-do-jornal-do-brasil-31-08-2010#>.

do Médici era ótimo. Então, nós temos essa complexidade da história, por um lado o período de auge da repressão, que era censurada, então ninguém sabia disso e por outro lado esse governo popular graças ao desempenho do chamado: “Milagre Econômico Brasileiro” (Fico, Memórias de Chumbo: Anos de Condor, 2012, Castro, Minuto: 33:32).

**Figura 02** - Carlos Alberto levanta a taça de campeão com o ditador Emílio Médici:



Fonte: GETTY IMAGES<sup>5</sup>

Não há argumentos desfavoráveis que vão contra a linha de pensamento que o Ditador Médici era realmente um entusiasta de futebol, porém muito do imaginário construído sobre essa relação vem da mente brilhante do coronel Otávio Costa, que usou os avanços da tecnologia para trabalhar essa imagem. O mesmo em sua fala no documentário exalta a importância da televisão para a imagem do regime na Copa e afirma que o triunfo da seleção brasileira se deu pela proximidade que os torcedores tinham em assistir aos jogos, mesmo em preto e branco.

Otávio, continua sua fala comentando como foi a criação da marchinha “Pra Frente, Brasil” do cantor Miguel Gustavo, que diferente do que acreditava-se, o regime não teve envolvimento no roteiro da letra. O cantor procurou o departamento de propaganda do governo militar e apresentou a canção que virou “hino” da conquista da seleção no México:

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-07/a-selecao-que-presenteou-a-ditadura-com-uma-taca.html>.

“Pra Frente Brasil”

Noventa milhões em ação  
Pra frente Brasil, no meu coração  
Todos juntos, vamos pra frente Brasil  
Salve a seleção!!!  
De repente é aquela corrente pra frente,  
Parece que todo o Brasil deu a mão!  
Todos ligados na mesma emoção,  
Tudo é um só coração!

Todos juntos vamos pra frente Brasil!  
Salve a seleção!  
Todos juntos vamos pra frente Brasil!  
Salve a seleção!

Somos milhões em ação  
Pra frente Brasil, no meu coração  
Todos juntos, vamos pra frente Brasil  
Salve a seleção!!!  
De repente é aquela corrente pra frente,  
Parece que todo o Brasil deu a mão!  
Todos ligados na mesma emoção,  
Tudo é um só coração!

Todos juntos vamos pra frente Brasil!  
Salve a seleção!  
Todos juntos vamos pra frente Brasil!  
Salve a seleção! (GUSTAVO, 1970)

A letras tem um teor patriótico e otimista, onde glorifica a importância da união do povo brasileiro para apoiar a Seleção de futebol, e pensando nisso sua aprovação é autorizada, pois a Ditadura desejava justamente que os holofotes fossem direcionados

para Pelé e companhia. E como é exposto no documentário, essa marcha foi uma grata surpresa, pois não saiu da mente do departamento de controle e propaganda.

Ainda sobre a propaganda na ditadura militar, Otávio diz que o regime teve ajuda sobretudo de grandes nomes da comunicação daquele tempo, como Chacrinha e Flávio Cavalcante. Nas palavras do ex-militar, os dois, sem interferência nenhuma do regime e com sua sensibilidade de comunicadores, ofereceram muita ajuda no período (COSTA, 2012) Memórias de Chumbo: Futebol nos anos de Condor. CASTRO. Porém, um de seus arrependimentos foi no desenvolvimento do slogan: “Brasil, ame-o ou deixo-o” que saiu do seu departamento:

Tudo que aparecia pelo Brasil a fora, pelas iniciativas em lísticos, em plásticos, em slogan, em esportes, em tudo. Tudo era creditado ou debitado a nossa assessoria, entre esses debitados apareceu o “Brasil, ame-o ou deixo-o”. O Brasil ame-o ou deixo-o, provavelmente teria aparecido na área de repressão, que a área de repressão também tinha seu núcleo de comunicação. A área de repressão que me refiro é São Paulo, o segundo exército, tudo que acontecia por aí, e essa área tinha uma sessão de guerra psicológica, então eu estou convencido que este slogan: “Brasil, ame-o ou deixo-o”, é um produto de guerra psicológica dessa assessoria de guerra psicológica da Operação Bandeirantes. (Costa, Memórias de Chumbo: Anos de Condor, 2012, Castro, Minuto:28;16)

Independente de todo o esforço da ditadura militar em transformar a Copa do Mundo em uma ferramenta de legitimidade, o evento esportivo tinha também o objetivo de ser uma cortina de fumaça para esconder todos os crimes contra a humanidade que os militares faziam à luz do dia. A tortura é o que separa os humanos do reino animal, o ato é justamente para descaracterizar tudo o que torna o ser humano um ser evoluído, a privação da inteligência, pois entendendo o contexto da exaustão dos métodos de violência, as vítimas sedem como argumenta o jornalista, Cid Benjamin; “é todo uma tentativa dos torturadores para prevalecer o que você pensa, o que você quer, o que você acha, a tua vontade, enfim, é uma tentativa de destruição do ser humano...” (Benjamin, 2012). Memórias de Chumbo: Futebol nos anos de Condor. CASTRO. Nas sessões de tortura os torturados passavam por todo tipo de estresse, sendo eles; físicos ou psicológicos, e passando assim a ser um dos modos operantes da maioria dos casos, necessário na demonstração de força contra a sociedade de direito.

O sequestro do Embaixador da Alemanha Ocidental, aconteceu no meio do período da Copa, especificamente no dia do jogo da Inglaterra contra a seleção da Tchecoslováquia em uma Quinta-feira. Os guerrilheiros exigiam pela troca do

embaixador a libertação de quarenta prisioneiros políticos, e que fossem fretados para a Argélia. Pelo recente histórico de sequestros envolvendo as embaixadas do Japão e Estados Unidos da América (EUA), a ditadura militar cedeu às exigências dos grupos de esquerda, e um dos nomes que foram libertos estava presente o de Cid Benjamin. Cid, conta em uma das entrevistas que assistiu dois jogos do Brasil naquela copa, a estreia na prisão da DOPS e a final já em território argelino.

Ou seja, os sequestros de embaixadores durante a ditadura militar no Brasil foram eventos de grande importância, pois marcaram uma tática de resistência significativa contra o regime autoritário. Esses sequestros, como o do embaixador dos Estados Unidos Charles Burke Elbrick em 1969, foram realizados por grupos guerrilheiros com o objetivo de negociar a libertação de presos políticos e chamar a atenção internacional para as violações de direitos humanos cometidas pelo governo militar. Ao forçar o regime a conceder concessões, esses atos de resistência expuseram as fragilidades e contradições do governo, aumentando a pressão interna e externa por reformas e democratização. Além disso, os sequestros mobilizaram a opinião pública e demonstraram a coragem e a determinação dos opositores do regime, deixando um legado duradouro na luta pela liberdade e pela justiça no Brasil.

### **Considerações Finais**

O desenvolvimento do presente trabalho teve como objetivo refletir sobre como o tri da seleção brasileira na Copa do mundo de 1970 no México, no período do governo de Emílio Garrastazu Médici, teve a importância de legitimar aquele projeto de nação em criação, além de ter sido utilizado como publicidade buscando o apoio popular à ditadura civil-militar contemporânea ao Milagre Econômico. A resposta a partir da análise documental é que essa estratégia teve êxito, podemos confirmar isso nas falas do professor Carlos Fico quando diz que naquele período a economia ia bem e a conquista do tri-mundial era a “coroa” que legitima-a aprovação do povo brasileiro aquele tipo de sistema ditatorial.

Outra conclusão que podemos ter é que a conquista futebolística também exerceu o papel de mascarar a repressão dos anos de chumbo e de censura que viveu seu ápice entre os anos de 1968 a 1974. Outro objetivo, foi a utilização de uma fonte de pesquisa

não convencional, no caso a análise do documentário. Além da crítica na relação entre futebol e figuras de extrema-direita, que usam esse fenômeno esportivo e a identificação do público para pautas pessoais ou de interesse privado.

## Referências

As Olimpíadas Nazistas – Berlim, 1936 (Artigo Resumido) | **Enciclopédia do Holocausto**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nazi-olympics-berlin-1936-abridged-article>. Acesso em 26 de Janeiro de 2024.

Barros, José D'Assunção. **A HISTÓRIA CULTURAL E A CONTRIBUIÇÃO DE ROGER CHARTIER**

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Ed. Cortez, 2009. p. 370 - 377.

CARDENUTO, Reinaldo. "**Memórias de Chumbo: Tempos de Condor - Brasil**" (2012). Brasil. Canal Brasil.

DANTAS, Audalio. **A mídia e o golpe militar. Estudos Avançados**, [S. l.], v. 28, n. 80, p. 59-74, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79683>. Acesso em 08 de Dezembro de 2023.

DELORME, Luiz Carlo. EARP, Fábio Sá. **O “Milagre” Brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967 - 1973)**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, vol. 8, 2017. p. 207 - 242.

FEITOSA, André Fonseca. **O Documentário Enquanto Fonte Histórica: Possibilidades e Problemáticas**. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal-RN. 2013.

FICO, Carlos. **A estrutura da repressão: o SISSEGIN**. In: FICO, Carlos. **Como eles agiam: os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 111- 148.

FICO, Carlos. **História do Brasil Contemporâneo**. In: FICO, Carlos. **Violência, repressão e sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Contexto, 2015. p. 61- 87.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o Mundo**. Um olhar inesperado sobre a Globalização. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Folha de S.Paulo - **1973** - O ano em que o Brasil cresceu 14% - 17/06/2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1706200714.htm>. Acesso em: 17 dez. 2023.

FLATT, Ricardo. **Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor**, Vermelho, 2019. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2019/04/17/memorias-do-chumbo-o-futebol-nos-tempos-do-condor/>. Acesso em: 17 de Dezembro de 2023.

Globo. (2016). **Programa do Jô** [Vídeo]. Em Globoplay. <https://globoplay.globo.com/v/2632026/> Acesso em 03 de Julho de 2024.

GUSTAVO, Miguel. **Pra Frente Brasil**. Rio de Janeiro, 1970.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol Explica o Brasil: O caso da copa de 70**. 155 f. Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de SP. Orientador: Antônio Pedro Tota. Sp, 2006.

Memórias do Chumbo - O Futebol nos Anos de Condor. Cinefoot: **Festival de Cinema de Futebol**. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/memorias-do-chumbo-o-futebol-nos-tempos-do-condor/>. Acesso em: 13 de Outubro de 2024

Memórias do Chumbo - O Futebol nos Anos de Condor. Ludopédio. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/memorias-do-chumbo-o-futebol-nos-tempos-do-condor/>. Acesso em: 13 de Outubro de 2024

MERCADANTE, Maria Aparecida Felix. **Operação Condor: A cooperação para o Terror no Cone Sul**. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal Fluminense, 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2005 (Campo Imagético).

OLIVEIRA, Elias Cósta de. **A Copa do Mundo de 1934 e o fascismo italiano: Um bate bola sobre futebol e política**. Ludopédio, São Paulo, v. 163, n. 5, 2023. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/a-copa-do-mundo-de-1934-e-o-fascismo-italiano-um-bate-bola-sobre-futebol-e-politica/>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2024.

PERON, Alberto. **Há 50 anos, João Saldanha deixava o cargo de técnico da seleção**. In: Globo Esporte. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/peron-na-arquibancada/post/2020/03/17/ha-50-anos-joao-saldanha-deixava-o-cargo-de-tecnico-da-selecao.ghtml> Acesso em: 14 de Dezembro de 2023.

RIBEIRO, L. C.; SOUZA, J. U. **O futebol na proposta autoritária e corporativista da Era Vargas (1930-1945)**. Topoi (Rio de Janeiro), v. 22, n. 46, p. 160–181, abr. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade**. In: NOVAIS, Fernando A; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). História da vida privada no Brasil, 4: Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.174-243.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**, In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. No fio da navalha, oposição e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 437 - 466.

WELLE, Deutsche. **Um embaixador alemão em troca de 40 presos políticos da ditadura.** 9 de Dezembro de 2020 In: Poder360. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/historia/um-embaixador-alemao-em-troca-de-40-presos-politicos-da-ditadura/>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.